

A EXPOSIÇÃO: Totalizando 270 obras, sendo 90 pinturas, 141 desenhos, 41 gravuras e 2 objetos, a presente exposição organizada pelo crítico Roberto Pontual resume todo o período, quase trinta anos, da intensa atividade criadora de Ivan Serpa. Todas as diferentes fases do artista estão representadas estando incluídos na exposição seus últimos trabalhos deixados ainda em fase de execução. As obras pertencem a colecionadores particulares, aos acervos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, e à família do artista.

O ARTISTA: Ivan Serpa nasceu em 1923, no Rio de Janeiro-GB., onde estudou com o gravador austriaco Axel Leskoschek. Em 1951 obteve o prêmio Jovem Pintor Nacional na I Bienal de São Paulo. Iniciou sua atividade como professor de pintura para adultos e crianças no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1952. A partir de sua experiência como professor, publicou em 1954 o livro Crescimento e Criação com texto de Mário Pedrosa. No mesmo ano fundou com outros artistas o Grupo Frente. Recebeu em 1957 o prêmio de viagem ao estrangeiro no VI Salão Nacional de Arte Moderna, com o qual viajou pela Europa entre 1958 e 1959. Entre suas exposições individuais, destacam-se: retrospectiva no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1965; Galeria Bonino, Rio, 1968; e retrospectiva de desenhos, MAM/Rio, 1971. De 1950 a 1964 trabalhou na Seção de Restaturo de livros na Biblioteca Nacional. Em 1970 abriu o Centro de Pesquisa de Arte. Faleceu no Rio de Janeiro, GB em abril de 1973.

A CRÍTICA: "Três constantes fundamentais podem definir os quase trinta anos de atividade de Ivan Serpa, particularmente como desenhista e pintor. Em primeiro lugar, o propósito de situar-se sempre ao nível da contemporaneidade internacional, incorporando a sucessão dos principais movimentos e tendências componentes e características do mesmo período. (...) A segunda constante do rumo de Serpa, já decorrente da primeira, era a variedade ou mutabilidade de seu programa e de sua produção, desde os elementos francamente figurativos até a mais absoluta não-figuração, sem que lhe incomodasse o aparentar incoerência de uma fase à fase seguinte, sem que se sentisse inábil para estabelecer com linguagem, ao longo de uma lógica interior específica. O fato é que - isto já conduz a terceira constante - Serpa se interessava sobretudo pela possibilidade de experimentar, de atualizar sua artesania independentemente das limitações dos modelos por ele próprio antes praticado sob paixão. Ele não se contradizia na contradição, mas nela se ampliava e se aperfeiçoava." Roberto Pontual - 1974

"O ótico: nele, de fato, o geométrico tende para o ótico, o efeito visual, o espaço virtual se confundindo com o espaço real. Em toda a organicidade de suas formas, quando elas se tornam rigorosamente contidas no geométrico, o ilusório assume papel preponderante, a partir do racional. Tudo o que Serpa transpõe para o papel se transforma em mágico. O elemento mais intelectual, a forma geométrica se desfaz em ilusão ótica, em formações orgânicas quase automaticamente fluídas em seu crescer. (...) Mas assim é que encontramos uma correspondência extraordinária entre seus elaborados desenhos da fase atual e os seus móveis mágicos. Ivan Serpa possui, inegavelmente, pela originalidade de sua linguagem e por sua necessidade vital de expressão, como diria Fiedler 'esse acréscimo que o autor superpõe à linguagem estética universal do tempo' mencionado por Clarival Valadães e que o coloca como uma das grandes personalidades artísticas brasileiras." Aracy Amaral - 1971

"Entre a crise e a construção, Ivan Serpa optou por esta última. Ao invés da ordenação do caos, no lugar de revelar, sempre, a dor do homem em suas desesperanças; preferiu refleti-lo nas suas melhores possibilidades e perspectivas otimistas. Artista construtivo, Ivan Serpa sempre acreditou, como Gabo, Albers, Max Bill e outros, que a arte é uma espécie de 'coordenação do mundo; criação de novas realidades. Num país e /ou continente onde tudo está por fazer, por construir, por concretar (donde o nada informal, o nihilismo tachista não têm aqui razão de ser), a arte realista não é apenas aquela que narra, figurativamente, as realidades prosaicas do dia-a-dia, tampouco o agudo existir do homem e da sociedade que o contorna. (...) Assim mais do que cópia servil, mais ainda que a transformação do real, a arte é para Serpa, verdadeiramente construção da realidade." Frederico Morais - 1967